



## **Inventividades criativas de gênero e sexualidade em uma escola de Educação Infantil: espaços de resistência a partir de uma educação menor**

Gender and sexuality creative inventiveness in a children's education school: resistance spaces from a minor education

Inventivita creativas de género y sexualidad en una escuela de primera infancia: espacios de resistencia desde una enseñanza primaria

**Lara Torrada Pereira<sup>1</sup>**

*Doutoranda pela Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande/RS, Brasil*

**Paula Regina Costa Ribeiro<sup>2</sup>**

*Professora do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande/RS, Brasil*

**Juliana Lapa Rizza<sup>3</sup>**

*Professora do Instituto de Educação da Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande/RS, Brasil*

Recebido em: 30/03/2021

Aceito em: 17/05/2021



10.34019/1984-5499.2021.v23.33830

### **Resumo**

Este artigo busca analisar algumas estratégias de resistência, que tomamos como inventividades criativas e que possibilitaram a promoção do debate acerca das questões de gênero e de sexualidade em uma escola de Educação Infantil. A partir do filósofo Silvio Gallo, tecemos algumas interlocuções com o conceito de educação menor enquanto uma educação que promove espaços de construção coletiva e que age nas brechas, fazendo emergirem espaços outros, os quais escapem às lógicas e às normas instituídas em direção a uma educação que promova as diferenças de gêneros e de sexualidades. Analisamos três inventividades criativas, ou seja, ações desenvolvidas na escola de Educação Infantil que promoveram a igualdade e a equidade de gênero e sexualidade, a saber: "Tenda Temática", "Liga da Coruja" e "Ciranda dos Saberes". Essas inventividades constituíram-se enquanto estratégias de resistência a partir de uma educação menor, a qual exige a criação de espaços outros, espaços coletivos e criativos e que promovam uma educação plural.

**Palavras-chave:** Gênero. Sexualidade. Educação Infantil.

### **Abstract**

This article aims to analyze some resistance strategies, considered as creative inventiveness that enabled the debate about gender and sexuality in a children's education school. Based on the philosopher Silvio Gallo, we dialogued with the concept of minor education as an education that promotes collective construction spaces and that acts in the gaps, making other spaces emerge, spaces which escape the logic and rules imposed towards an education that promotes gender and sexualities differences. Three creative inventivenesses were

<sup>1</sup> E-mail: [lara.torrada@hotmail.com](mailto:lara.torrada@hotmail.com)

<sup>2</sup> E-mail: [pribeiro.furg@gmail.com](mailto:pribeiro.furg@gmail.com)

<sup>3</sup> E-mail: [rizzalapajuliana@gmail.com](mailto:rizzalapajuliana@gmail.com)

analyzed, in other words, activities developed at the children's education school that promoted gender and sexuality equality, specifically: "Tenda Temática", "Liga da Coruja" and "Ciranda dos Saberes". These inventivenesses were constituted as resistance strategies from a minor education, which requires the creation of other spaces, collective and creative spaces that promote a pluralistic education.

**Keywords:** Gender. Sexuality. Children Education.

## Resumen

Este artículo busca analizar algunas estrategias de resistencia, que tomamos como inventos creativos y que permitieron promover el debate sobre cuestiones de género y sexualidad en una escuela de primera infancia. A partir del filósofo Silvio Gallo, tejemos algunas interlocuciones con el concepto de educación primaria como una educación que promueve espacios de construcción colectiva y que actúa en las brechas, estimulando el surgimiento de otros espacios, que huyan a la lógica y reglas establecidas hacia una educación que suscita las diferencias de género y sexualidad. Analizamos tres inventos creativos, es decir, acciones desarrolladas en la Escuela primaria que promovieron la igualdad y equidad de género y sexualidad, a saber: "Carpa Temática", "Liga del búho" y "Rueda de los Saberes". Estos inventos se constituyeron como estrategias de resistencia basadas en una educación básica, que requiere la creación de otros espacios, espacios colectivos y creativos que promuevan una educación plural.

**Palabras clave:** Género. Sexualidad. Educación Primaria.

## Introdução

O cotidiano escolar é a dobra da escola, seu dentro (educação maior, aparelho de Estado, utopia) e seu fora (educação menor, máquina de guerra, heterotopia). O cotidiano faz gaguejar a língua escolar, fazendo operar inventividades criativas naquilo que, em princípio e por princípio, não passa de palavra de ordem, palavra da ordem. Reencontramos, aqui, o devir minoritário da autonomia: o cotidiano escolar é espaço de construção de autonomia de professores e estudantes. Podemos ficar presos aos estriamentos da educação modelar e serial produzida como aparelho de Estado; mas também podemos opor resistência a este processo, inventando heterotopias no cotidiano escolar, espaços libertários e autônomos nas dobras do espaço estratificado (GALLO, 2013, p. 10-11).

Como observa Silvio Gallo, o cotidiano escolar não nos permite a inércia, pois ele nos atravessa com a vida e com a vivência de cada sujeito que nele está inserido. Esse espaço nos mobiliza, é um lugar de construção e nos impulsiona a movimentos de resistência, que permitem outros possíveis, outros modos de pensar e de viver a vida, a escola, os gêneros e as sexualidades<sup>4</sup>.

Pensar a respeito de questões de gênero e sexualidade, no espaço escolar, com crianças, é justapor um modelo de escola engessado na ótica da moralidade, da disciplina e do controle sobre a infância. Significa pensar nas brechas do "diverso", do subjetivo, da experiência de cada um/a, movimento em que operam inventividades criativas, como ações e estratégias as quais saltam e ressaltam "espaços libertários e autônomos nas dobras do espaço estratificado" (GALLO, 2013, p. 11),

---

<sup>4</sup> Salientamos à/ao leitor/a que, ao longo do texto, em alguns momentos, as palavras gênero e sexualidade estarão escritas no singular e outras no plural. Quando as empregarmos no singular, é porque estão sendo tomadas enquanto conceito/ferramenta teórico. Já quando foram grafadas no plural, estamos nos referindo às expressões/vivências de gêneros e sexualidades, que podem ser múltiplas.

que hierarquiza e segrega o espaço escolar. Assim, nesse texto, buscaremos analisar algumas estratégias de resistências que estamos tomando como inventividades criativas. Essas, por sua vez, possibilitam a promoção do debate acerca das questões de gênero e sexualidade. Tais inventividades foram produzidas pela Escola Municipal de Educação Infantil – EMEI Professora Deborah Thomé Sayão, do município de Rio Grande/RS, a qual é vinculada a um projeto-experiência intitulado “Escola Promotora da Igualdade de Gênero”.

Desse modo, iniciamos apresentando esse “projeto-experiência”. Em 2017<sup>5</sup>, com a iniciativa do Grupo de Pesquisa Sexualidade Escola (GESE), ligado à Universidade Federal do Rio Grande (FURG), desenvolveu-se um projeto chamado Escola Promotora da Igualdade de Gênero, que buscou apoiar professoras e professores da Educação Básica do município de Rio Grande/RS no desenvolvimento de ações para a promoção e a reflexão acerca da igualdade e da equidade dos gêneros, com vistas à construção de estratégias que resultem na redução dos indicadores de desigualdades, ao mesmo tempo que deem visibilidade ao tema.

Trata-se de um projeto potente, que, ao longo de quatro edições (2017, 2018, 2019 e 2020), realizou atividades/ações envolvendo membros do GESE – como tutoras/es e coordenação do projeto –, professoras, professores, coordenação e equipe de escola. Ainda, ao longo de seu desenvolvimento, foi sendo interpelado por diferentes experiências. Tomamos esse conceito de experiência a partir de Larrosa, que afirma ser “algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão” (LARROSA, 2018, p. 10). Assim, pelo olhar da experiência e entendendo que diferentes acontecimentos, situações e sujeitos atravessaram, produziram, formaram e transformaram o referido projeto, aventuramo-nos a chamá-lo de um “projeto-experiência”.

Por esse viés, o projeto-experiência representa um compartilhar de vozes de sujeitos que vibram e que tremem com suas experiências, transformando-as em um canto que “ressoa em outras experiências e em outros tremores e em outros cantos” (LARROSA, 2018, p. 10). Com base nessa ideia de “tremores e cantos”, de medos e paixão, de poder e resistência, foi que a experiência do projeto e das discussões sobre gênero e sexualidade na EMEI Professora Deborah Thomé Sayão foram sendo produzidas, e esse é o foco sobre o qual este estudo se debruça.

Quando pensamos na Educação Infantil, precisamos considerar alguns processos que constituem essa etapa, como, por exemplo, o fato de as Escolas de Educação Infantil romperem com o viés somente

---

<sup>5</sup> O projeto está hoje, em 2021, em sua 5ª edição.

assistencialista para comporem a primeira etapa da Educação Básica (BUJES, 2002). Com isso, emergiram regimentos, referenciais e políticas públicas, tais como: Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil; Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e a Base Nacional Comum Curricular – Etapa Educação Infantil.

Essas normativas produzem essa etapa do processo de escolarização, que, por meio de de mecanismos de saber-poder<sup>6</sup> (FOUCAULT, 2018), acabam por controlar, regular e corrigir o sujeito infantil desde os primeiros meses de vida, constituindo, dessa maneira, determinados sentidos e significados sobre a infância. Segundo Michel Foucault, a escola “se desenvolve através de todo um conjunto de comunicações reguladas (lições... ordens, exortações, signos codificados de obediência...) e através de toda uma série de procedimentos de poder (vigilância, recompensa e punição, hierarquia piramidal)” (2010, p. 288).

No âmbito do espaço escolar, é possível perceber, então, que as discussões de gênero e de sexualidade operam a partir de alguns discursos – da heteronormatividade, da binaridade de gênero, da família-reprodução e da criança inocente e assexuada. Os referidos discursos regulam e governam as vidas e os corpos, determinando posturas e escolhas; tornando-nos sujeitos neste mundo contemporâneo. Desse modo, o que se estabelece para ser (re)produzido, nas escolas de Educação Infantil, é uma organização que perpetua representações de gênero e de sexualidade a partir de algumas estratégias, quer sejam: filas de meninos e meninas; comunicações entre a escola e a família vão destinadas apenas as mães; quadro de docentes quase que exclusivamente de professoras e raros, ou nenhum, professor, dentre outras práticas e situações.

Entretanto, como apontamos no início desse texto, o cotidiano escolar, com as experiências de cada sujeito, possibilita uma educação que age nas brechas, a qual “a partir do deserto e da miséria da sala de aula, faz emergir possibilidades que escapem a qualquer controle” (GALLO, 2002, p. 175). São essas estratégias de resistência que enfrentam mecanismos de poder e que traçam linhas de fuga, olhando para quem está à margem e promovendo debates de igualdade, de equidade.

Ser resistência “possibilita criar espaços de combates, de lutas, de insubordinação, de insurreição. A resistência é a criação de possíveis. Ela é força agenciadora que transforma e funda outras e novas relações” (PARAÍSO, 2016, p. 408). Logo, as estratégias de luta e de resistência, no espaço da escola e, neste caso especialmente, da Educação Infantil, colocam em embate, desafiam relações,

---

<sup>6</sup> Saber-poder é uma expressão utilizada por Foucault, que destaca que poder e saber estão diretamente implicados, ou seja, “não há relação de poder sem constituição de um campo de saber, e, reciprocamente, todo saber constitui novas relações de poder” que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (FOUCAULT, 2018, p. 28).

produzem e transformam a educação escolar, de modo a criar outros possíveis nas salas de aula.

Silvio Gallo (2013) chama atenção para o fato de que a educação menor se configura como um espaço de resistência, o qual coloca em prática ações que estão ligadas às experiências da/do aluna/o, em que a/o professora/professor inventa, em conjunto com as/os alunas/os, formas de ensinar e possibilidades de aprender. Nas palavras do próprio autor:

Uma educação menor é trincheira (ou, para dizer como Deleuze e Guattari, toca, resultado de um devir-animal), espaço de resistência, não um programa. Colocar-se à deriva, como barcos em águas desconhecidas. E, na repetição destas experiências, criar o diferente. Contra um modelo moderno de escola, esgotado, mas insistentemente reformado, renovado por novas planificações, em que as relações há muito deixaram de ser políticas para tornarem-se policiais; em que os muitos olhos da disciplina e os muitos olhos mecânicos do controle impedem a aventura e a errância, justapor, no mesmo espaço, a experiência, a aventura, a política como a emergência do inusitado nas relações (GALLO, 2013, p. 10).

É a partir desse conceito, descrito por Silvio Gallo, nesse espaço da educação menor, ou seja, da possibilidade de “criar o diferente”, que observaremos, neste artigo, algumas inventividades criativas que possibilitaram o debate das questões de gênero e de sexualidade na EMEI Deborah Sayão. Estamos tomando, como inventividades criativas, as diferentes ações e atividades propostas pela direção e pelo grupo de professoras<sup>7</sup> da EMEI, tais como: a “Ciranda dos Saberes”, uma ação que conta com alguns encontros com as/os familiares das crianças e aborda diferentes temáticas, incluindo as questões de gênero e de sexualidade, acontecendo no início de cada ano letivo; a “Liga da Coruja”, uma ação em que há um grupo de “super-heróis” e “super-heroínas”, formado pelas próprias crianças, as quais, ao longo do ano, desenvolvem ações na escola em prol de algumas demandas presentes na escola, incluindo atividades que debatem as questões de gênero e sexualidade, como o abuso sexual infantil; as “Tendas Temáticas”, uma atividade proposta pela escola e vinculada ao Projeto Escola Promotora da Igualdade de Gênero.

Para a análise dessas inventividades, utilizamos os relatos da diretora, da professora participante do Projeto Escola Promotora da Igualdade de Gênero e das pesquisadoras do GESE. Igualmente, tivemos acesso ao diário de campo disponibilizado pela professora que integra o projeto; ao material utilizado como subsídio para discussão na “Ciranda dos Saberes” com as famílias e ao relato de experiência sobre

---

<sup>7</sup> Chamamos a atenção para a presença exclusiva de mulheres, sugerindo que o gênero da docência na Educação Infantil é, predominantemente, feminino, talvez porque as atividades escolares, nessa modalidade de ensino, tenham, como alvo, as crianças. Louro (2014), ao questionar o gênero da escola como feminino, aponta para a ambivalência em torno dessa questão, pois, segundo a autora, muitos diriam que a escola é feminina em função de que “a atividade escolar é marcada pelo cuidado, pela vigilância e pela educação, tarefas tradicionalmente femininas” (2014, p. 93); já outros diriam que é masculina, “pois ali se lida, fundamentalmente, com o conhecimento – e *esse conhecimento* foi historicamente produzido pelos homens” (ibidem, p. 93).

a vivência no âmbito do projeto, publicado no livro “Tecituras sobre corpos, gêneros e sexualidades no espaço escolar”<sup>8</sup>.

Essas inventividades possibilitaram, de alguma forma, junto à comunidade escolar (estudantes, familiares e equipe da escola) uma parada para se pensar, traçando outros possíveis em relação a algumas normas estabelecidas socialmente. São inventividades que desacomodam e que promovem espaços libertários, os quais perpassam as vivências de gênero e de sexualidade.

### **Inventividades Criativas: possibilidades de uma educação menor**

Educação maior e educação menor são dois conceitos com os quais Silvio Gallo (2002, 2013, 2015) vem operando em seus escritos. A fim de pensar as inventividades criativas analisadas aqui, focaremos nosso olhar para o conceito de educação menor<sup>9</sup> apresentado pelo autor. Contudo, é importante que nos aproximemos de ambos os entendimentos.

Como educação maior, podem ser consideradas medidas, disposições, orientações, políticas do Estado, que regulam as políticas públicas de educação. Seria a educação “pensada e produzida pelas cabeças bem-pensantes a serviço do poder” (GALLO, 2002, p. 173). Em função disso e se pensando no âmbito da Educação Infantil, a educação maior é aquela composta, por exemplo, pelo Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e, também, pela Base Nacional Comum Curricular – Etapa Educação Infantil.

A educação maior a qual Gallo faz referência é produzida na macropolítica, Ministério da Educação - a nível nacional, Secretarias de Educação - pensando em Estados e Municípios e, também, elaborada, em cada unidade escolar, na construção e na gestão dos projetos políticos pedagógicos, bem como dos demais documentos que regem os espaços escolares. Esses documentos, que se constituem enquanto políticas educacionais, “são construídos segundo a forma das palavras de ordem, implicando em relações de mando e obediência” (GALLO, 2013, p. 9).

Desse modo, a partir deste conceito de educação maior, Gallo (2002, 2013, 2015) nos instiga a pensar em como promover uma educação menor. A ideia de “menor” nada diz respeito à inferioridade perante a educação maior, mas está relacionada a discussões acerca dos atos cotidianos que emergem

---

<sup>8</sup> RIZZA, Juliana Lapa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes; RIBEIRO, Paula Regina Costa; COSTA, Ana Luiza Chaffe (org.). **Tecituras sobre corpos, gêneros e sexualidades no espaço escolar**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2019.

<sup>9</sup> O termo menor, proposto por Gallo (2002), vem do conceito de literatura menor, da obra de Kafka – Kafka: por uma literatura menor - por Deleuze e Guattari (1975).

em sala de aula, sobre questões sociais, como ética, política, classe, raça, gênero, sexualidade, entre outras. Uma educação menor é a possibilidade de ruptura com o grande sistema de políticas educacionais, isto é, é aquela educação que oportuniza que a/o professora/professor proporcione às/aos estudantes discutirem a respeito de suas práticas cotidianas articuladas aos “ditos” conteúdos programáticos.

Dessa forma, esse tipo de educação produz um currículo que escapa à regulação, que se abre para o novo, para a emergência de espaços inusitados de esperança, de contestação, de argumentação, de singularidades, ou seja, lugares que possibilitam a produção de inventividades criativas. Essas, por sua vez, são estratégias dessa educação menor, que “constroem percursos inusitados, caminhos mais leves, trajetos grávidos de esperança a serem percorridos” (PARAÍSO; CALDEIRA, 2018, p. 14).

Nesse sentido, iniciaremos apresentando a inventividade criativa que foi chamada, pela gestão e pelas professoras da EMEI Professora Deborah Thomé Sayão, de “Tenda temática” (figura 1). Ela deu início às ações da escola no âmbito do Projeto Escola Promotora da Igualdade e teve, como objetivo, problematizar as questões de gênero e os binarismos, como “coisas de menino” e “coisas de menina”. Ainda, teve o intuito de apresentar para a comunidade escolar – professoras, demais funcionárias/os, crianças e familiares – o projeto que a escola estava desenvolvendo.

**Figura 1**  
A Tenda e a organização de brinquedos



**Fonte:** Arquivo cedido pela EMEI.

A ideia da tenda surgiu a partir da palestra com a Professora Dr<sup>a</sup> Cláudia Maria Ribeiro, a qual esteve com o grupo de professoras e professores vinculadas/os ao projeto e que apresentou uma atividade chamada “Tendas da Sexualidade e Gênero”, que foi implementada no “Projeto de Extensão: Construindo práticas a partir dos compromissos com a defesa dos direitos sexuais na infância e

adolescência no combate ao abuso e exploração sexual”, do qual ela era coordenadora. De acordo com Claudia Ribeiro, as tendas cumpriram a função de desestabilizar, bem como desafiaram “as pessoas a lidarem com a ideia de multiplicidade: das sexualidades e dos gêneros” (2009, p. 67).

Assim, atravessados pela narrativa e pela experiência compartilhada pela professora Cláudia, o grupo gestor da EMEI Deborah Sayão e a professora que estava vinculada ao projeto puderam ressignificar o trabalho compartilhado e elaboraram as tendas com o intuito de que servissem como provocações para a comunidade escolar em geral.

Desse modo, pensando em envolver toda a escola, de forma lúdica, organizaram algumas “pistas” para que, durante uma semana, as famílias e as crianças descobrissem o enigma do porquê da tenda, a qual foi armada no espaço de entrada e de saída das crianças e de seus familiares. A tenda ficou disponível por quatro dias, sendo que, em cada um deles, eram apresentadas temáticas diferentes a serem discutidas com a comunidade escolar. Ao longo dos turnos, as professoras também levavam as crianças até esse espaço, com a finalidade de instigá-las e de fazê-las refletir sobre os objetos e elementos que ali estavam expostos. As professoras ainda afirmam que esse movimento foi pensado

[...] a partir das discussões propostas em uma política pública educacional, as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil de 2010, nesse documento, estão expressas diretrizes para a educação infantil, dentre elas a ideia de que precisamos possibilitar às crianças acesso a bens socioculturais, reconhecendo as diferenças, singularidades e a produção de suas identidades (MACHADO; RODRIGUES; OLIVEIRA, 2019, p. 205).

A partir da narrativa das professoras, cabe ressaltar que, ainda que se pense e se viva uma educação menor, a qual possibilite rompimentos, o fazer pedagógico está, muitas vezes, atravessado pela educação maior, ou seja, “há como que uma justaposição de espaços, em que uns não substituem os outros, mas coexistem, com mais ou menos conflito, dependendo da situação” (GALLO, 2015, p. 99). Nesse “coexistir”, faz-se necessário o encontro de brechas nas políticas públicas, que deem respaldo a algumas inventividades criativas.

Conforme mencionado, as tendas tiveram uma temática a cada dia. A primeira, “Tenda Sensações”, buscou, através da experimentação de algumas sensações com diferentes tecidos, esponjas, penas, celofanes, algodão e massinha de modelar, provocar a ideia de que é a partir das sensações prazerosas ou não que também vamos construindo nosso gênero ao longo das nossas vivências. No segundo dia, a “Tenda Livros” ofereceu livros infantis que abordavam questões sobre preconceito, a fim de provocar o pensar nas desigualdades e nas lógicas binárias que constituem meninos e meninas.

No terceiro dia, na “Tenda Brinquedos”, havia brinquedos divididos por cores, com o lado “de menino e de menina” para provocar questões como “Isso realmente é preciso? As professoras relataram que, após as crianças entrarem na tenda, elas os misturavam, demonstrando que não precisamos fazer separações para brincar. No último dia, foi a vez de a “Tenda Apresentando o Projeto”. Nessa oportunidade, a equipe gestora da escola e a professora vinculada ao projeto apresentaram a placa do Projeto Escola Promotora da Igualdade de Gênero<sup>10</sup>, que seria colocada na escola e que, então, marcaria a aderência da instituição ao projeto Escola Promotora da Igualdade de Gênero a partir desse selo. Nesse momento, houve um diálogo com a comunidade escolar, incluindo as famílias das crianças, sobre a proposta de se trabalhar com a temática de gênero (MACHADO; RODRIGUES; OLIVEIRA, 2019).

A tenda, que apresentou diferentes temáticas, tornou-se a possibilidade de um “outro lugar” na escola, o qual, “embora se contraponha ao espaço instituído, coexiste com ele, são lugares de passagem” (RIBEIRO, 2009, p. 69). Esse outro lugar, espaço de educação menor, possibilita que relações libertárias e autônomas sejam inventadas e instituídas, em contraposição ao que é produzido social, cultural e historicamente acerca de gênero e de sexualidade.

Nesse sentido, as professoras da EMEI narraram que esse ambiente, essa atividade, tiveram o intuito de dialogar com a comunidade escolar ao invés de apenas divulgarem que estavam vinculadas ao projeto, “evitando, assim, uma distorção da ideia, um pré-conceito” (MACHADO; RODRIGUES; OLIVEIRA, 2019 p. 206). Quando olhamos para essa narrativa, podemos perceber que a escola empregou uma estratégia para inserir, no processo pedagógico da EMEI, as discussões de gênero, isso porque há um controle sobre o que “pode” ou não ser abordado no espaço escolar, ainda mais em se tratando de crianças da Educação Infantil.

Foucault (2014) aponta a interdição do discurso como um mecanismo de poder que produz efeitos ao instituir que não se pode falar de tudo, em todos os espaços, e que qualquer um não pode falar de qualquer coisa. Tal interdição do discurso, abordada pelo autor, fica ainda mais evidente quando o assunto é a Educação Infantil, visto que há um discurso que trata a criança como inocente e assexuada (RIBEIRO, 2002), defendendo-se que alguns debates, principalmente no que concerne ao gênero e à sexualidade, não devem ser feitos com crianças.

Entretanto, sabemos que suscitar discussões com a criança possibilita o desenvolvimento da autonomia e da afetividade, o que “permite aprimorar as relações interpessoais; a sociedade necessita

---

<sup>10</sup> A placa tinha, como proposta, ser um selo que intitulava aquela escola como Escola Promotora da Igualdade de Gênero. Placas foram entregues a todas as escolas participantes do projeto, em uma reunião, com a presença das professoras e do professor vinculados ao projeto, da direção das escolas e de representantes da Secretaria de Município da Educação – SME.

de pessoas capazes de respeitar as opiniões dos demais, e por sua vez, de defender seus próprios direitos” (CAMARGO; RIBEIRO, 1999, p. 47). Logo, neste viés de sujeito ativo, passamos a apresentar a inventividade criativa denominada de “Liga da Coruja”.

A “Liga da Coruja” foi um projeto desenvolvido com o nível I A (crianças de 4 anos) da EMEI Deborah Sayão. A partir da vivência do cotidiano daquelas crianças, surgiu com a intenção de se construir, entre o grupo de “super-heróis” e “super-heroínas”, uma identidade de grupo, em que pudessem pensar e trabalhar em coletivo, exercitando o ouvir, o compartilhar e, principalmente, o respeito pelo outro. Segundo as gestoras da escola e a professora da turma, “tal proposta surgiu não para organizar as crianças em uma rotina fechada, mas sim para que elas conseguissem aprender a compartilhar vivências com solidariedade, criticidade e cidadania” (MACHADO; RODRIGUES; OLIVEIRA, 2019, p. 203).

Além de terem, como proposta, o “compartilhar vivências”, a “solidariedade” e a “cidadania”, as professoras ainda abordavam a importância do grupo para potencializar a autonomia, bem como para o cuidado com o bairro em que a escola está inserida, tendo em vista que a EMEI está localizada em um parque urbano, o que possibilita uma discussão e uma aproximação com a preservação e os cuidados com o meio ambiente. O desenvolvimento e o envolvimento desse grupo com a escola são exemplos do “estar atento/a ao cotidiano”, isto é, da promoção de uma educação menor que “está no âmbito da micropolítica, na sala de aula, expressa nas ações cotidianas de cada um” (GALLO, 2002, p. 173).

A “Liga da Coruja” era composta por sete heróis e heroínas, sendo eles/elas: Mulher Tempestade, Lanterna Verde, Pantera Negra, Super Arco-íris, Super Fogo, Cat Noir e Mulher Leoparda. Também contou com a participação da Super Coruja, que era a professora que estava à frente do projeto. Com a vinculação da EMEI ao Projeto Escola Promotora da Igualdade de Gênero, no ano de 2017, a professora, em conjunto com a gestão da escola, apresentou a ideia de articular as ações da Liga da Coruja às discussões da igualdade de gênero e de sexualidade.

A Liga da Coruja se organizou e pensou suas ações a partir da escuta das demandas que as crianças apresentavam. Foi a partir desse movimento que as heroínas Super Leoparda e Mulher Tempestade compartilharam, com a professora Super Coruja, que alguns meninos estavam espiando quando iam ao banheiro. A professora, por sua vez, teve a iniciativa de desenvolver ações que trouxessem a temática dos corpos, do que eram “partes íntimas” e do respeito ao corpo e ao espaço da/do colega. É justamente nessas brechas do cotidiano que uma educação menor faz uma produção

coletiva “além e aquém de toda política educacional, de todo projeto político-pedagógico, de qualquer plano ou modelo de ação” (GALLO, 2013a, p. 8).

Não está determinado na política pública o modo como lidar com “o coleguinha que espia no banheiro”, isso é determinado com base no cotidiano do fazer pedagógico, e as inventividades criativas, as quais podem proporcionar um pensar sobre essas vivências, emergem de uma/um professora/professor atenta/o ao que se passa na vida de cada criança e ao que se apresenta na sala. “Afim, o professorar é profissão que trata da vida, que trata com vidas que só querem viver, vivenciando, sem juízo de valor, suas inquietantes experiências” (PARAÍSO, 2016, p. 407).

Assim, neste movimento de estar atento à sala de aula, foi que a Super Coruja apresentou, para as crianças, o livro “Pipo e Fifi”, da autora Caroline Arcari, que aborda, de maneira lúdica, a temática do cuidado com o corpo, esclarecendo que as partes íntimas não podem ser tocadas ou vistas sem permissão. A seguir, um fragmento da narrativa da Super Leoparda, heroína da Liga da Coruja, trecho que está presente no diário de campo da professora Super Coruja:

Hoje o encontro foi de manhã na minha escola, e teve uma missão que foi contar a história do Pipo e Fifi em todas as turmas e salas da manhã [...] A Fifi diz que só pode dar a mão para conhecidos e dar beijinho de “boa noite”, e o Pipo diz que não pode sentar no colo de gente estranha e que quando for convidado e não quiser tem que dizer NÃO com educação. (Super Leoparda – Atividade na escola em 30.10.2017)

A professora Super Coruja reportou que as crianças “tomaram a frente” da dinâmica de compartilhar com as demais crianças da escola a história do Pipo e Fifi (figura 2)<sup>11</sup> e que eram reconhecidas, pela escola, a partir das discussões nas rodas de conversa. A título de exemplo, alunos se referiam, aos integrantes da Liga, assim: “olha, os heróis vieram aqui”, “ah, os heróis disseram que isso não pode”. Gallo (2013) pontua que “nessa relação entre iguais, as crianças pensam, produzem, criam” (2013b, p. 210) e se apropriam das discussões, passando a serem protagonistas da própria história.

---

<sup>11</sup> As imagens foram autorizadas pelas famílias das crianças, podendo ser usadas sempre que a EMEI for citada.

**Figura 2**

Contação da hist3ria do livro Pipo e Fifi para os demais colegas da escola



Fonte: Arquivo cedido pela EMEI.

Em função da pot4ncia gerada pelas atividades atreladas às discuss3es de g4nero e de sexualidade na EMEI, a gest3o da escola apresentou a proposta de divulgar  comunidade o trabalho que estava sendo realizado. Assim, ela recebeu jornalistas de dois jornais, os quais escreveram sobre a iniciativa. Uma reportagem saiu no jornal impresso do Munic3pio, e a outra foi divulgada em um telejornal para todo o estado.

As reportagens divulgaram algumas a3es desenvolvidas pela EMEI, como a contao do livro “Pipo e Fifi”, o debate sobre a organizao dos banheiros e a quest3o da privacidade e respeito ao utilizarem esse espaço, o qual era dividido por turmas e n3o por g4nero. Com a visibilidade das atividades a EMEI, todo o grupo envolvido no Projeto Escola Promotora da Igualdade de G4nero se deparou com diferentes ataques e interven3es de grupos conservadores do movimento antig4nero<sup>12</sup> e da ret3rica da “ideologia de g4nero”.

Houve, inclusive, um movimento, nas redes sociais, em que foram levantadas discuss3es sobre o fato de a EMEI estar expondo as crianças com o uso dos banheiros coletivos. Ainda, a escola foi questionada por estar abordando a respeito da sexualidade abertamente. Tamb4m, nesse momento, foi elaborado um Projeto de Lei intitulado “Programa Escola Sem Ideologia de G4nero”, por um vereador do munic3pio, que, retomando o que já vinha sendo abordado no slogan “ideologia de g4nero”, pautava-se em um discurso que visava cercear discuss3es que abarcassem quest3es de diversidade e de multiplicidades no espaço da escola.

---

<sup>12</sup> Como movimento antig4nero, referimo-nos a grupos reacion3rios organizados por segmentos religiosos e pol3ticos, que buscam eliminar discuss3es ligadas a g4nero e  sexualidade do curr3culo escolar. O discurso desse movimento  alimentado pelo argumento de que as institui3es escolares t4m promovido o que eles chamam de uma “ideologia de g4nero”. Segundo eles, possibilitar discuss3es referentes a g4nero e  sexualidade  um modo de as escolas controlarem o comportamento e o pensamento coletivo, colocando em risco valores morais e tradicionais de configurao familiar, de sexualidade e de modos de ser homem e de ser mulher (PEREIRA; RIBEIRO; RIZZA, 2020).

Esses e outros movimentos contra as discussões de gênero e de sexualidade afetaram todas as escolas e professoras/es do Projeto Escola Promotora da Igualdade de Gênero e, de modo especial a EMEI Deborah Thomé Sayão, tendo em vista que as reportagens foram sobre as ações dessa instituição. Foi, então, preciso criar estratégias de resistência para enfrentar as acusações e com o intuito de manter o projeto em andamento. Além de muitas manifestações de apoio ao projeto, como por parte da gestão da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, do Conselho Municipal de Educação e de alguns grupos de pesquisas de diferentes universidades do país, as escolas também precisaram criar suas estratégias.

A EMEI Deborah Thomé Sayão, por exemplo, propôs encontros com os familiares das crianças para esclarecer sobre as temáticas que estavam sendo dialogadas com as crianças. As gestoras e a professora da EMEI relatam que, ao ouvirem as famílias, perceberam que muitas apoiavam as iniciativas da escola; já outras estavam em dúvida acerca do que estava sendo dito nas redes sociais e o que, de fato, estaria acontecendo na escola. É preciso ressaltar que apenas uma família não concordava com as discussões. Apesar disso, conforme as professoras:

O apoio dos/as envolvidos/as foi de suma importância, pois saímos fortalecidas, convictas de que este movimento só aconteceu porque construímos junto à comunidade o conceito que dialogaríamos, com as tendas. O pertencimento do grupo de pais e mães com a proposta gerou a defesa da temática, assim como a mobilização, para que os vereadores que “distorceram” os fatos, se retratassem e mostrassem o que de fato estava acontecendo. Este último, não aconteceu, mas com o apoio recebido, continuamos a promover os diálogos sobre a igualdade de gênero (MACHADO; RODRIGUES; OLIVEIRA, 2019, p. 207).

Frente aos movimentos de resistência que mantiveram o trabalho e as discussões sobre gênero e sexualidade na escola, retomamos a ideia de educação menor como possibilidade de ruptura dentro do grande sistema, aqui marcado pelos embates políticos e pelo movimento antigênero. Na concepção de Gallo (2002, p. 173), “a educação menor é um ato de revolta e de resistência”. Esse autor explica, ainda, que essa resistência se aplica no sentido de um aprendizado que produz diferenças no modo de ver e viver a vida e a sociedade. A diretora da escola, por exemplo, narrou, em seu relato sobre o trabalho que foi desenvolvido no âmbito das questões de gênero, que a mãe de uma criança do berçário (de 2 a 3 anos) contou, na escola, que a menina escolheu um tênis de um personagem de desenho animado da cor azul, e a mãe perguntou se ela não queria a personagem feminina, a qual era na cor rosa. Então, a menina disse, do jeito dela, que não, que ela poderia usar qualquer cor.

Desse relato, destacamos, primeiramente, o fato de uma menina que tem entre 2 e 3 anos poder desconstruir com a mãe a ideia de “cores de meninos” e “cores de menina”. Isso se trata, claramente, de uma ação com características de educação menor, que, ao agir nas brechas, faz “emergir possibilidades

que escapem a qualquer controle” (GALLO, 2002, p. 175), a qualquer normal. O segundo ponto a destacar dessa narrativa é a relação da mãe com a escola. É perceptível que a mãe havia entendido os efeitos que as discussões feitas no espaço da EMEI tiveram na filha, a ponto de contar para a diretora o ocorrido.

Nesse sentido, detectamos um fator importante da educação menor, que é chamado, por Gallo, (2002) de “valor coletivo”. De acordo com esse autor, “na educação menor, não há a possibilidade de atos solitários, isolados; toda ação implicará em muitos indivíduos” (idem, p. 176), e isso, por sua vez, envolve professoras, crianças, gestão da escola e, sem dúvidas, as famílias.

Para dar maior atenção a essas questões, a gestão da EMEI Deborah Thomé Sayão propôs o projeto “Ciranda dos Saberes” no ano de 2017 (segundo ano da EMEI, que foi inaugurada em 2016), por perceber que, na semana de inserção das crianças, os familiares ficavam pela escola, mesmo depois de as crianças entrarem para as salas, uma vez que os responsáveis ficavam apreensivos com a nova fase das crianças. Além disso, a proposta da Ciranda dos Saberes foi elaborada por terem percebido que havia uma “potencialidade nas famílias em participar do cotidiano da escola” (relato da diretora da EMEI).

Aproveitando esse momento de disponibilidade das famílias, a gestão propôs rodas de conversas (figura 3) com as/os responsáveis, nas quais eram abordados temas importantes para a comunidade escolar. Conforme a diretora, os encontros, que foram divididos ao longo dos 5 dias letivos da primeira semana, contavam com diferentes temas, como a apresentação de alguns espaços da escola, a exemplo do ateliê e da sala de recursos; o modo como lidavam com os animais/insetos que surgiam no espaço escolar, tendo em vista que ela está localizada nas proximidades de um parque urbano; e métodos de primeiros socorros - demanda que surgiu das famílias, entre outras discussões que emergiram, na época, no contexto da escola, como demanda da comunidade escolar.

**Figura 3**

Encontro Ciranda dos Saberes em 2019



**Fonte:** Arquivo cedido pela EMEI.

É preciso observar que três temas sempre estavam presentes na Ciranda dos Saberes: o primeiro deles era a apresentação da proposta e do regimento da escola; outro ponto consistia em abordar questões ligadas à inclusão, pois, segundo a diretora, “inclusão é feita em toda a escola e não apenas no espaço da sala de aula”. Por fim, sempre eram apresentadas, para as famílias, as discussões que eram travadas, na escola, sobre gênero e sexualidade. É sobre esse último assunto que destacaremos algumas ações e teceremos algumas análises.

Acerca da Ciranda dos Saberes e as discussões de gênero e sexualidade, a diretora da escola compartilhou, em sua narrativa: “A gente traz a questão do gênero para já apresentar para os pais que a escola aborda as questões de gênero dentro do brincar, da parte lúdica. Para os pais já saberem que as crianças aqui vão ser livres, não vão ter rótulos na hora de brincar”. Os rótulos aos quais a gestora se refere estavam ligados ao modo como, na escola, os corpos se encontravam marcados, ou seja, como de menino ou de menina, um corpo já generificado, “cujas identidades vão sendo naturalmente produzidas por gerações e reforçadas pela mídia conforme os padrões normativos e as ‘verdades’ atribuídas às diferenças sexuais, direcionando os seus gestos, sentimentos, objetos, comportamentos, formas de ver a si mesmo e as outras pessoas” (SOUZA, 2019, p. 86).

Desse modo, “abordar questões de gênero dentro do brincar” e defender que, naquele espaço da EMEI, as crianças eram “livres”, foi uma forma de trabalho pela qual se buscou compreender a realidade escolar não como algo fragmentado, mas tendo, como atravessamento, a autonomia da vida diária, a educação da afetividade, as formas de convivência e a cooperação (retomando aqui os debates sobre não espiar a/o coleguinha no banheiro), a ajuda e os direitos e deveres que já devem ser elucidados desde a infância.

Contudo, sabemos que as discussões de gênero e de sexualidade, no espaço escolar, principalmente na Educação Infantil, têm sofrido ataques de um discurso que diz que abordar essas questões estimularia a sexualidade das crianças precocemente. Por isso, então, a importância de ser utilizado um espaço como a Ciranda dos Saberes para tecer essa discussão com as famílias, buscando desconstruir o que vinha (e vem ainda) sendo reforçado pelo movimento antigênero.

Eram abordados, nessas rodas de conversa, temas<sup>13</sup> que apresentavam o que consistiam os estudos de gênero; a diversidade no espaço da escola; de que modo gênero e sexualidade estavam presentes em artefatos culturais; matérias e estatísticas que apresentavam a desigualdade entre os

---

<sup>13</sup> Esses temas foram retirados das apresentações de powerpoint utilizadas nas palestras das pesquisadoras do GESE nos encontros da Ciranda dos Saberes dos anos de 2018, 2019 e 2020. As temáticas foram disponibilizadas pelo grupo de pesquisa.

gêneros; qual o objetivo do Projeto Escola Promotora da Igualdade de Gênero ao qual a EMEI estava vinculada. Desse modo, foi promovido um espaço que buscou ampliar, com as famílias, as percepções frente a essas temáticas, desconstruindo uma possível ideia de que a escolaalaria de “ato sexual”, ou “influenciaria” alguém sobre questões de identidade sexual e de gênero.

As pesquisadoras do GESE que participaram da Ciranda dos Saberes, nos anos de 2018, 2019 e 2020, promovendo discussões acerca das questões de gênero e de sexualidade, reportaram algumas situações que chamaram atenção delas nos encontros. Elas apontaram, primeiramente, para a importância de a escola promover debates com as professoras, mas também com a comunidade escolar em geral, garantindo, assim, um espaço de troca de ideias. Dessa forma, destacaram a significativa participação de familiares e a pluralidade de gerações, visto que, além de pais, mães, sempre existiam avós que participavam dos encontros. Destacaremos dois relatos sobre as temáticas que marcaram as pesquisadoras, ou seja, duas situações das quais elas não se esqueceram.

Uma situação foi a vivenciada pela pesquisadora do Gese, em uma das Cirandas dos Saberes: a mãe de uma criança da escola, em 2018, compartilhou, com os/as demais responsáveis, a importância desse espaço para o debate de gênero também com as famílias, destacando sua vivência com a filha, a qual havia pedido para comprar um estojo do Hulk (super-herói personagem da Marvel Comics). Então, a mãe relatou que, se não estivesse participando das discussões na escola, olharia para a situação com estranheza e, possivelmente, sugeriria à filha outros estojos, com temas como a Barbie, a Minnie, ou alguma princesa. Entretanto, por participar das discussões na escola, a mãe relatou ter pensado: “é só um estojo”, comprando, na sequência, aquele que a filha queria.

A segunda narrativa importante foi a de um pai, que tinha, aproximadamente 50 anos, e um filho, na escola, que tinha em torno de 1 ano de idade. Ele levava e buscava o filho na EMEI, até que, um dia, foi perguntado por outra mãe se ele era o avô de seu filho. O pai relatou essa situação, na roda de debate da Ciranda dos Saberes, e compartilhou a partir da fala das pesquisadoras sobre a construção dos estereótipos de gênero. Somente com essa vivência, ele veio a entender porque, enquanto homem, não poderia vivenciar, de forma ativa, a paternidade.

Mais do que tentar encontrar detalhes dessas narrativas, queremos firmar a extrema importância de espaços como a inventividade criativa “Ciranda dos Saberes”, o qual promoveu reflexões, desconstruções, possibilidades de olhar as diferentes formas de viver a vida, causando rupturas em estruturas “fixas” sobre gênero e sexualidade, as quais resultam em exclusão, discriminação e violências. Assim, os debates com as famílias precisam ocorrer, visto que “somente o diálogo aberto poderá

relativizar as preocupações/temor com os temas que envolvem sexualidades e gêneros nas infâncias” (XAVIER FILHA, 2018, p. 138).

Não é possível atuar no espaço da escola sem promover atos coletivos que envolvam toda comunidade escolar, pois, à medida que nos inserirmos em um espaço de formação e compartilhamos narrativas, daremos novos sentidos às práticas vivenciadas, assim como poderemos (re)significar pensamentos e opiniões, que transcendem ao espaço da escola. Logo, formaremos outros espaços e outros indivíduos, chegando até as casas e às famílias. Desse modo, acontecerá uma educação menor, a qual ajuda as pessoas a pensarem nas questões de gênero e sexualidade que emergem, a todo o momento, nas salas de aulas, nos corredores, no pátio da escola, permeando a vida dos sujeitos e interpelando, de forma individual e coletiva, todas/os da comunidade escolar.

Dessa forma, olhamos para as inventividades criativas desenvolvidas na EMEI Deborah Thomé Sayão, como as Tentas Temáticas, a Liga da Coruja e a Ciranda dos Saberes, como um “espaço a partir do qual traçamos nossas estratégias, estabelecemos nossa militância, produzindo um presente e um futuro” (GALLO, 2002, p. 173). Configuram-se como espaços de resistência e uma aposta para que, ao serem desenvolvidas as discussões de gênero e sexualidade, possa ser vislumbrado outro presente possível e possa ser promovido um futuro de equidade de gênero, de respeito aos corpos e de combate às violências contra a infância.

### **Considerações finais**

A educação menor age exatamente nessas brechas para, a partir do deserto e da miséria da sala de aula, fazer emergir possibilidades que escapem a qualquer controle (GALLO, 2002, p. 175).

Silvio Gallo nos incita a pensar a respeito de uma educação que concentre suas ações nas brechas, que possibilite a emergência de práticas pedagógicas que escapem ao controle. Esse foi o movimento empreendido pela EMEI Deborah Thomé Sayão a fim de transversalizar o debate sobre as questões de gênero e de sexualidade na escola. Assim, nesta escrita, entendemos as práticas cotidianas da EMEI enquanto educação menor, como resistência e, também, como inventividades criativas, as quais possibilitaram rupturas e abriram brechas para o reconhecimento das diferenças, bem como para a problematização do que emerge nas salas de aula, de modo a resistir às macropolíticas, às formas normativas e binárias, produzindo e vivenciando os gêneros e as sexualidades.

Nesse sentido, apresentamos a “Tenda Temática” como uma inventividade criativa, em que a comunidade escolar pode aproximar-se das questões de gênero e de sexualidade. Essa iniciativa,

posteriormente, possibilitou um espaço de indagações e problematizações frente ao que estava sendo apresentado. Em tempos em que a disseminação de discursos antigênero proliferaram um pânico moral sobre uma ideia de destituição da família heteronormativa e da incitação sexual das crianças, foi preciso aproximar pais, mães e responsáveis do debate acerca das temáticas de gênero e sexualidade para, então, apresentar à comunidade escolar quais os caminhos a EMEI vinha traçando com o intuito de construir uma instituição que conseguisse promover a igualdade e a equidade de gênero.

Foi neste percurso que entrou em ação a inventividade criativa “Liga da Coruja”, um grupo de heróis e heroínas constituído com a participação ativa das crianças. Essa iniciativa potencializou a autonomia, o respeito nas decisões de cada um e cada uma e promoveu a melhoria do ambiente escolar. Com a atuação da liga, a professora vinculada ao projeto percebeu que o grupo poderia desenvolver ações que promovessem discussões sobre gênero e sexualidade. Assim os heróis e as heroínas colocaram em prática a missão de mobilizar todas as turmas da escola, discutindo sobre o respeito com a/o outra/o, a respeito dos corpos (abuso sexual infantil) e acerca do cuidado com o espaço coletivo. Essa missão foi parar nos jornais.

Tal visibilidade acionou um movimento reacionário e conservador, o qual tinha (e tem) buscado cercear o trabalho docente e coibir as discussões de gênero e sexualidade na escola, ao mesmo tempo que fez reverberar estratégias de luta e de resistência, garantindo o debate e mantendo as ações na escola. Com isso, foram enfrentados os mecanismos de poder que buscavam a restauração da norma de gênero e da heteronormatividade. Essas estratégias de luta e de resistência acionaram uma educação aberta, passível de imprevistos e sensível ao acontecimento (GALLO, 2015).

Logo, foi promovida uma educação que ultrapassou as paredes da escola, que chegou à comunidade e às casas das crianças, a qual chegou às famílias. Assim, a EMEI notou que era preciso possibilitar que as/os responsáveis também fizessem parte das discussões, que compartilhassem das iniciativas e pensassem junto com a escola. A fim de promover essa articulação entre a escola, as famílias e as questões de gênero e de sexualidade, a gestão da escola e as professoras promoveram a inventividade criativa “Ciranda dos Saberes”, que foi um trabalho colaborativo.

A “Ciranda dos Saberes” caracterizou-se como um espaço potente de diálogo junto às/aos responsáveis pelos alunos e pelas alunas, movimento esse que pode ser percebido a partir dos relatos que se destacaram nessa oportunidade de diálogo, os quais foram apresentados nessa escrita. Por meio desse espaço de interlocução, os responsáveis perceberam suas crenças e vivências, refletiram sobre elas e as enfrentaram, em conjunto com as crianças, no âmbito do gênero e da sexualidade.

Assim, essas inventividades criativas constituíram-se enquanto estratégias de resistência a partir de uma educação menor, a qual exige a criação de espaços outros, espaços coletivos e criativos, que se interconectam, que borrem o espaço instituído, que produzam multiplicidades. A educação menor representa trincheira, espaço de resistência; significa criar o diferente; abrir-se para outros possíveis. Esse tipo de educação se deu por meio das experiências da “Tenda das Sensações”, da vivência da “Liga da Coruja” e da construção coletiva da “Ciranda dos Saberes”.

## Referências

- BUJES, Maria Isabel Edelweiss. A invenção do eu infantil: dispositivos pedagógicos em ação. **Rev. Bras. Educação**, Rio de Janeiro, n. 21, p. 17-39, 2002. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782002000300003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782002000300003&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 20 fev. 2021.
- CAMARGO, Ana Maria Faccioli de; RIBEIRO, Cláudia. **Sexualidade(s) e infância(s)**: a sexualidade como um tema transversal. Campinas, São Paulo: Editora da Universidade de Campinas, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Loyola, 2014.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 8. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. *In*: DREYFUS, Hubert, RABINOW, Paul. **Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 273-295.
- GALLO, Sílvio. Educação menor: produção de heterotopias no espaço escolar. *In*: GRUPO TRANSVERSAL (org.). **Educação menor: conceitos e experimentações**. Curitiba: Appris, 2015. p. 75-88.
- GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação menor. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 27, n. 2, 2002, p. 169-178. ISSN 2175-6236 (online). Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25926/15194>. Acesso em: 25 de fev. 2021.
- GALLO, Sílvio. **Em torno de uma educação menor**: variáveis e variações. 36ª Reunião Nacional da ANPED – 29 de setembro a 02 de outubro de 2013, Goiânia-GO. 2013a. p. 1-12. Disponível em: [http://36reuniao.anped.org.br/pdfs\\_trabalhos\\_encomendados/gt13\\_trabencomendado\\_silviogallo.pdf](http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_encomendados/gt13_trabencomendado_silviogallo.pdf). Acesso em: 28 fev. 2021.
- GALLO, Sílvio. Infância e Resistência – resistir a quê? **Leitura: Teoria & Prática**, Campinas, v. 31, n. 61, p. 199-211, nov. 2013b.
- LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 15-34.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, Ed. 16, 2014.

MACHADO, Maria Angélica; RODRIGUES Roselle Solano; OLIVEIRA Vânia. Dialogando sobre gênero na EMEI Deborah Thomé Sayão. *In*: RIZZA, Juliana Lapa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes; RIBEIRO, Paula Regina Costa; COSTA, Ana Luiza Chaffe (org.). **Tecituras sobre corpos, gêneros e sexualidades no espaço escolar**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2019. p. 203-209.

PARAÍSO, Marlucy Alves. A ciranda do currículo com gênero, poder e resistência. **Currículo sem Fronteiras**, v. 16, n. 3, p. 388-415, set./dez. 2016. Disponível em: [http://www.curriculosemfronteiras.org/art\\_v16\\_n3.htm](http://www.curriculosemfronteiras.org/art_v16_n3.htm). Acesso em: 25 fev. 2021.

PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. Currículos, Gêneros e sexualidades para fazer a diferença. *In*: PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina da Silva. **Pesquisas sobre currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018. p. 13-21.

PEREIRA, Lara Torrada; RIBEIRO, Paula Regina Costa; RIZZA, Juliana Lapa. A ofensiva antigênero e seus efeitos: um projeto-experiência com professoras/es da Educação Básica. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 14, n. 28, p. 107-126, jan./abr. 2020. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1093>. Acesso em: 25 fev. 2021.

RIBEIRO, Cláudia Maria. Nas tendas da sexualidade e gênero: heterotopias no currículo. *In*: RIBEIRO, Paula Regina Costa; SILVA, Méri Rosane Santos da; GOELLNER, Silvana Vilodre (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: composições e desafios para a formação docente. Rio Grande: Editora da FURG, 2009. p. 67-76.

RIBEIRO, Paula Regina Costa. **Inscrevendo a sexualidade**: discursos e práticas de professoras das séries iniciais do Ensino Fundamental. 125p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

SOUZA, Nadia Geisa S. de. Práticas escolares: implicações na produção do corpo, da sexualidade e do gênero. *In*: RIZZA, Juliana Lapa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes; RIBEIRO, Paula Regina Costa; COSTA, Ana Luiza Chaffe (org.). **Tecituras sobre corpos, gêneros e sexualidades no espaço escolar**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2019. p. 203-209.

XAVIER FILHA, Constantina. Gênero e sexualidade na infância: construção de pânicos morais. *In*: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes (org.). **Interloquções sobre gêneros e sexualidades na educação**. Rio Grande: Editora da FURG, 2018. p. 123-140.